

Cine-Documentarios

De vez em quando os jornais dizem e os leitores repetem que Portugal é um país de turismo:

Tal afirmação nasce do conhecimento que todos, mais ou menos, temos do encanto maravilhoso das nossas paisagens, do azul privilegiado da nossa atmosfera e da magestade rude das nossas montanhas.

Não vamos discutir se tais belezas são acessíveis e se, a par delas, a comodidade do viajante é um facto consumado. O nosso ponto de vista é outro, mais de molde com a índole da revista que nos insere a prosa.

Para que Portugal seja uma etapa de excursões, um ponto de paragem da caravana mundial, é necessário que as suas belezas sejam conhecidas e desejada a sua vista.

Para isso, há um meio unico, explorado por todos os países onde há beleza a ver e turistas a engodar.

Os cine-documentarios são os me-

lhores bilhetes de convite que uma terra de maravilhas pode dirigir aos viajantes do mundo inteiro.

Alguma coisa entre nós se tem tentado, mas... é triste dizê-lo, a realização não tem atingido o fim proposto e o Portugal adivinhado através da meia duzia de quadros filmados não tem aquele poder sugestivo de beleza que tenta os viajantes. Temos feito documentarios de trazer por casa; ainda em nenhum se mostrou, ao lado do pitoresco actual, aquela parte evocativa do antigo, que marca a evolução dum povo e documenta o espirito duma raça.

Está por fazer o documentário de Lisboa; as belezas de Évora esperam a hora da sua divulgação inteligente; Guimarães e Braga são nomes perdidos no oceano do grande Larousse, as Penhas Douradas e os Cantaros são menos conhecidos do que os cimos inatingiveis do Himalaia, e até Sintra, a Sintra nossa vizinha de ao pé da porta, vista na pelicula que lhe

consagramos, toma as proporções duma aldeola africana com uma estação do Caminho de ferro que é uma miséria e uma fabrica de queijadas que é uma gulozeima...

A quem perguntar de onde vem esta pobreza de documentarios e a pessima escolha dos pontos filmados, todos poderemos responder, sem medo de errar: duma causa unica — o desconhecimento de Portugal pelos portugueses.

Entre nós não existe o viajante da própria terra. O rico snob e o burguês enriquecido, logo que podem ou se dispõem a mudar de lugar tomam o expresso e fogem para Paris. Não é portanto destes que a industria do cinema pode esperar os capitais necessários para a divulgação da nossa terra. Os outros, os que sabem, não podem e limitam-se, como nós fazemos, a explorar a ignorancia em que jazem as maravilhas da nossa terra.